

Escola de Direito

ORGÃO DA FACULDADE

Ricife, 11 de Agosto de 1898.

A Mocidade

Exulta mocidade! Vae passar o 11 de Agosto.

Cobre-te de galas para assistir, em todo o seu fulgor, entre o voltejar dos hymnos da nossa alegria, a data que vale pelo marco primeiro da nossa vida — a fugir no azul da immensidade.

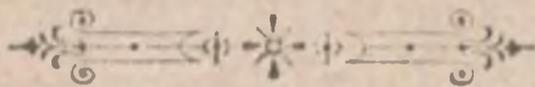
Exulta, hoje, que se commemora a edificação do Templo em que te abrigas e ferverosa e crente buscas alento para as luctas que se ferem medonhas, no vasto campo social, em prol da Justiça: Templo, de pulchros esplendores, a irradiar a luz dos seus ensinamentos n'alma grandiosa da mocidade — que é a consciencia do amanhã.

Não deixes, brilhante geração contemporanea, que nas aras purissimas do nosso Templo se extinga a chama da nossa veneração pela memoria imperecivel do seu creador: erige-lhe no teu proprio seio, feito de ar-minho e de luz, o sumptuoso sacratio!

Alimenta, mocidade brasileira das Escolas Juridicas, o culto desse nome venerando e faze delle o santelmo de teus passos...

Passa, immarscessivel data, 11 de Agosto, sol do nosso espirito...

T. DE BRITTO.



ANATHEMA

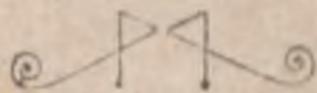
O lio, odio mortal, raiva sangrenta,
Afflictivo clamor, colera insana,
Toda a estranha materia que alimenta
O fogo eterno da Miseria humana

Passe, na marcha dolorosa e lenta
Da cohorte da Magoa soberana,
A seguir-te na invia e truculenta
Jornada que á Desgraça o Tedio irmana...

Seja-te a vida intermino deserto.
Onde nem a esperanza d'um incerto
Abrigo tenhas para o corpo exangue...

Tombes, enfim, no abysmo que te espera,
Acabes como acaba uma panthera,
Que os desejos cevou num mar de sangue !

CORREIA PINTO,



XI AGOSTO 1898

Assim como pelo despertar madrugador dos primeiros clarões de um sol de Maio, nuvens olivaceas esvaziam pedaços do levante, estes dias que demarcam a ignorancia em relação á superioridade do nosso espirito, tambem se levantam para encimar os admiraveis feitos da vontade humana.

Quando um dia em Roma se architectava o primeiro tabernaculo das sciencias juridicas, o assombro e a admiração secundavam a nomeada d'esta instituição que longe de satisfazer ao espirito egoista d'aquelles tempos, tornava-se tão compativel aos grandes fins a que se proporciona o genero humano.

Actualmente, porém, a naturalidade excessiva que parece fazer o elogio dos tempos em que vivemos, quasi deixa passar despercebido datas que coroaram eternamente os nossos saudosos antepassados do Latium.

Simplezmente a historia registra-as nos fundos dos gabinetes, quando merecedoras da epopea popular, ellas deviam salvaguardar-se do utilitarismo que tende a aviltar todos os recintos do largo saber moderno.

Só Terencio sabe justificar esta indifferença quando, com a convicção do genio, escrevia : «homo sum, et humani nihil a me alienum puto».

Mas talvez a alma generosa da Republica Brasileira em todo dia, como 11 de Agosto, leve um sincero pranto ás tumbas dos fundadores da Faculdade de Direito do Recife, ao mesmo tempo uma saudação de paz harmonise e anime a mocidade academica que de victoria em victoria agita seu estandarte — a idéa immortal de Tiradentes, o mais illustre de todos os brasileiros.

Salve mocidade republicana !

RAUL. BILHAR.

... ❧ ❧ ...

Perdidas...

Lábios frios, sem cor, na lama apodrecidos,
De beijos arrancados d'as boas mentirosas.
Sabeis fallar de amor, palavras enganosas
Podeis fazer brilhar nos asperos ouvidos.

Olhares sem fulgor, olhares opprimidos,
Forçados a mentir às turbas criminosas,
Teruuras vomitões, obesas, globulosas,
De dores, impurezas, lagrimas, gemidos !...

Almas que não teem fé ! Almas sem liberdade,
Captivas da desgraça, a morte vos escuta,
Na vida encontrareis um tumulto de dores !...

Em troco de um prazer vendestes castidade,
A carne virginal fizestes prostituta...
Oh ! corpos de paixões !... Oh ! almas sem amores !...

Março de 98.

JOSE' OTTICICA.



D. Ambrosia

Qual de todos vós que lêdes as presentes linhas não conhece um personagem como o que vou descrever ?

Haverá uns tres annos, estava a minha pachorren-ta pessoa em casa de um seu primo que fazia annos e que para solemnisar a data do seu nascimento havia resolvido dar um *forrobodó* e para isto convidado di-versas pessoas residentes no mesmo arrebalde em qui morava.

Do Recife, a unica pessoa que lá esteve foi o au-ctor d'estes *rubiscos*.

A casa ficava ao lado da estação de uma linha fer-rea que facilitava-me o transporte e que por esta razão fez com que eu não faltasse á festa do meu primo,

Um jardim bem cultivado e completamente murado servia de entrada para a pequena chácara.

A sala de visitas achava-se bastante enfeitada com cortinados, *bibelots*, etc. e a celebre mobilia a Luiz XIV (que faz-me lembrar os annuncios de leilões) com certeza tinha sido envernizada n'aquelle dia de festa pois apresentava um brilho de mobilia nova.

Eram oito horas da noite quando transpuz os battentes d'aquella casa onde reinava a folia.

Logo ao chegar á porta que dava para o jardim, fui alvo de uma *significativa manifestação de apreço*.

O primo foi receber-me com um grande abraço que fazia *jus* a uma caixa de charutos ou a uma chicara de porcellana do Japão, a Maroquinhas irmã do dono da casa e uma elegante priminha agarraram-se-me logo ao pescoço. o Quinquim, menino de oito annos e filho de Juca (que era o appellido do *recent-nascido*) apegou-se-me ás pernas ; enfim toda a familia veio fazer-me a recepção merecida por quem leva um presente para um chefe de casa.

O resultado, porém, não foi satisfatorio para mim pois quando livre dos abraços e das saudações, tirei o relógio do bolso para ver que horas eram... oh ! terrivel decepção ! o vidro partira-se com o abraço de Juca, nas calças notei algumas nodos de azeite, que foram deixadas pelo pequeno Quinquim quando agarrou-se-me ás pernas, e pouco depois um amigo observou-me que o collarinho estava manchado de vinho, obra sem duvida de Maroquinhas no momento de saltar-me ao pescoço.

Mas, o que me succedeu até aquelle momento nada valia comparado com ^oque havia ainda de me acontecer naquella noite.

Não me recordo se naquelle dia encontrei algum frade, ou algum financeiro que tivesse o olhar de *Jettatore*, o que sei porém é que o destino me reservára

naquella noite de uma festa que me alegrava bastante, para fazer-me passar por todas as decepções,

*
* *

Sala repleta de convidados, candelabros accesos e pianista a postos.

Alli, naquella reunião familiar notava-se a presença, não só de innocentes creancinhas, alheias a tudo que não fosse o brinquedo, mas ainda de gentis *signoritas* e de respeitaves quarentonas.

A unica vez em que não soffri n'aquella noite foi quando dansei a primeira valsa, visto como, a dama era uma elegante *demoiselle* e uma verdadeira valsista.

Logo após a valsa o piano avisou que seguia-se uma quadrilha.

Como tenho grande aversão á semelhante dança tratei de me occultar afim de não ser visto.

Infelizmente porém é certo o adagio «o homem põe e Deus dispõe», porquanto já no momento de começar-se a dançar a tal quadrilha, o Juca dando pelo meu desapparecimento e correndo a procurar-me obrigou-me a dançar *vis-a-vis* a elle, apresentando-me como dama uma Illma. Exma. Sra. D. Ambrosia.

Imaginem os meus charos leitores que esta D. Ambrosia era senhora de perto de 35 annos e a quem o destino tinha reservado para exercer a *espinhosa* missão de tia.

Baixa e gorda, de olhar penetrante, a Sra. D. Ambrosia que era mettida á litterata, mostrava um desejo louco de achar um pobre diabo que lhe desse o nome.

Logo na primeira parte da quadrilha conheci em que apuros tinha de me vér naquella noite.

A senhora D. Ambrosia (que não perca pelo nome) obrigou-me a ouvil-a fallar durante todo o tempo em que dansou-se,

Quando terminou a quadrilha e eu dirigia-me para uma cadeira afim de sentar a tal senhora, dando graças a Deus por me ver livre de semelhante *cacete*, eis que ella obriga-me a ficar junto a si com o dever de entreter amistosa conversa.

Não sei como n'aquelle momento não tive uma appoplexia fulminante (que me atirasse com os ossos na ilha dos *pes juntos*), pois senti todo o sangue fugir-me ao cerebro ; tive porém que resignar-me e ouvir com a maxima attenção (embora fingida) tudo quanto me disse aquella *trintona* casamenteira.

Nenhum de vós será capaz de imaginar o que produziu aquelle cerebro tão sadio como o de qualquer mentecapto.

Como bom estudante de Medicina legal, que era, qualifiquei immediatamente a D. Ambrosia na classe dos degenerados, mas da peor especie de degenerados.

Passei pois a noite inteira tendo conhecimento de todos os amores da D. Ambrosia / que / eu não posso / / comprehendere como, tendo tão grande numero de condes e viscondes apaixonados por si, ate aquelle dia achava-se no estado de solteira.

Uma das cousas que vos fará rir é certamente o seguinte projecto que ella tinha em mente e para o qual queria que eu desse a minha opinião.

Não sei como foi ter-lhe ás mãos um numero do *Siccle*, jornal parisiense, que noticiava diversas corridas de cyclistas do sexo feminino ; pois bem a tal D. Ambrosia pretendia comprar uma bycicleta para em breve tempo levar a palma a todos os cyclistas do logar.

A minha resposta a proposito d'esse projecto não se fez esperar e foi expressa n'uma gargalhada tão forte que chamou a attenção de todos e que fez n'aquella occasião o rubor subir ás faces da minha *presada* *compañheira*.

* *
*

Só, no meu quarto de estudante, em trajés menores (como se diz vulgarmente) e deitado na minha rede vinda do Pará, contemplava um frasco de tinta *Stephens* que trouxe-me á recordação D. Ambrosia a quem Deus haja longe de mim *per omnia secula seculorum*.

Passéi em mente todos os acontecimentos d'aquella noite fatidica e então disse commigo mesmo : «preferia que o Juca quebrasse todos os vidros de relógios que eu tivesse, que a Maroquinhas deitasse vinho em todos os collarinhos que eu possuísse e que o Quinquim no-doasse de azeite todas as calças que me pertencessem n'aquelle momento e para o futuro, porém jamais quererei passar uma hora junto de qualquer Ambrosia.

PEDRO CIRNE.



SUPRE A AUGUSTIA

Quando fitei-a, pallida e franzina,
Como se um astro pelo azul fulgisse,
Antes seus olhos não fitasse e visse
Do seu olhar a luz que o amor propina.

Antes... ó céo!... Aquella pequenina
Flor, nunca as roseas petalas abrisse,
Para que em jorros seu olhar fruisse
A luz que alenta o amor e a amar ensina.

Antes não visse-a!... E a luz que se espanêja
Do seu olhar e o espaço e a aurora encanta
E estria o espaço e a aurora aloira e beija,

Sobre os meus olhos não fulgisse, quando
No céo, que a aurora a purpura levanta,
Eu tinha o olhar em lagrimas orando.

ALFREDO MAIA.

Invernal

Céu plumbeo, velado por immenso pallium que dá á natureza circumdante tristuosos tons nublados. é tudo de uma quietude morbida, como si com a invernia viesse tambem a dolencia das cousas amortecidas e vagas...

Incommoda-me a temporada assim ! O espaço, deserto de azas, é um grande vacuo sonolento, onde vagam sómente vapores densos... Nenhuma avø ! nem siquer o murmurio passageiro de um vôo !

Dormem as aves occultas nos ninhos mornos e os arvoredos, á similhaça de creaturas lacrimějantes, pe-
rolejam gottas de orvalho no verde dos caminhos.

Incommoda-me a temporada aessim ! Soluça-me no intimo um fremito de magoa ; nada-me a alma numa invernia profunda ! Como este céo nublado, é tambem o céo do meu amor : turvou-se... fugiram-lhe do seio as aves mansas, num vôo desconhecido. Ensombra-o o crepusculo do Tedio e a neve, a neve eterna, gotteja sempre, dolorosamente...

Dias passados, como sois amargos !

Inverno, como me torturas !

Falta-me o doce conehego de um seio amoroso ; sinto-me sem alento neste frio glacial !

Foge, invernia ! foge !... Restitue-me o bem estar de outr'ora e dá-me aos labios a doçura, a doçura calida de um goso inexprimivel, feito de caricias e de beijos amorosos...

15—7—98.

CELIA DE MENDONÇA



O mocho

*Na ogiva escura do alto campanario
Exilado da luz, tardo esvoaça
O agoirento mocho solitario,
Nuncio da Morte, filho da Desgraça.*

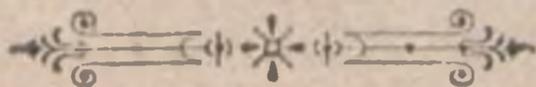
*Quando é alegre o som alacre e vario
Do sino, o mocho solta uma ameaça,
Um grito agudo e triste e funerario
Rompe o silencio e lutulento passa...*

*Porém, se o sino toca uma elegia,
Se alguém vai a enterrar, alegre pia
O negro mocho, lá na ogiva escura...*

*Assim minh' Alma solitaria e esquiva
Do torro Tedio na sombria ogiva
Chora no Riso e ri-se na Amargura.*

Recife.

ARISTHEO D'ANDRADE.



NORTE--SUL

Com este titulo escreveram R. Bilhar e A. Costa um artigo na «Escola de Direito», Anno II, N. 3, artigo em que batem as theorias de L. Correia a respeito de uma pretendida «Confederação do Norte». Sem entrar na analyse das vantagens ou desvantagens que adviriam de semelhante scisão do territorio, ou antes da

pátria brasileira, sem pretender criticar, nem tão pouco fazer philosophia,—digo haver em tal artigo affirmações contrarias á sciencia, á logica e ás theorias mesmas do artigo a que me reportei. Dizer que marchamos para um estadio de unificação universal, é falsear o principio que Bilhar e Costa firmaram logo no começo do seu escripto, bello sem duvida :— de que a tendencia de todos os povos é para uma aggregação de definidos estados politicos.

De facto quer isto dizer que estes differentes estados existirão sempre — o que negam Bilhar e Costa— e que caminhamos antes para uma epocha de fraccionamentos que de englobamentos ou annexações, fraccionamento que é o unico estadio compativel com a democratisação social.

Nem se pode conceber mesmo que tal principio, o da democracia, possa completar-se, isto é, viver, existir em sua plenitude com uma forte centralisação governamental ; como dizer, pois, que marchamos para esta centralisação ao mesmo tempo que para a democratisação universal ?

« O homem pre-historico, affirmam ainda Bilhar e Costa, nunca procurou desligar-se do nucleo social, senão por motivos de acção, *superior* ás suas forças » : logo, dizemos nós outros que os lemos, tem procurado algumas vezes.

E' desconhecer talvez a organização mesma do homem fazer tal affirmação, isto é, admittir a possibilidade da existencia do homem fóra da sociedade.

Mas poderá tal ser ? Será falso então, que a « sociedade é a cathegoria do homem como o espaço a dos corpos », como o disse, affirmou e provou, Tobias Barreto, o mestre sergipano ? Bilhar e Costa que m'o digam.

De tal affirmação, falsa, ou antes inservivel para o caso, tiraram os mesmos uma consequencia illogica :

disseram que assim como os homens não procuram separar-se assim também as sociedades. Desligar-se o homem da sociedade é morrer para ella, é ir viver vida anomala e selvagem, viver sem relações algumas com seus semelhantes ; —scindir-se uma sociedade em duas é cousa diversa, é formar cada uma das partes uma sociedade mesma. Como pois deduzir de uma outra cousa tão diversa ? Deduzir da morte que se vive e não que se viveu ? As sociedades que vem a se constituir pela divisão ou fraccionamento de uma outra, não deixão de ser sociedades ; tem vida, órgãos, funções, relações com as outras, tudo que diz respeito a sua personalidade, o que não se dá com o homem que pretendesse viver fóra da sociedade.

« Que um organismo aggregue atomos », não posso comprehender, é um composto ou aggregado de moleculas que o são de atomos. Como poderá pois o organismo aggregar a sua essencia mesma ? É anti-scientifico e illogico. « Que uma nação aggregue sociedades », é outra affirmacão erronea : uma sociedade pode compor-se de nações diversas, mas uma nação não o pode de sociedades. Nem se argumente com o chamar-se *Nação Suissa* a esta nacionalidade, pois a classificacão é anti-scientifica.

As nacionalidades também não procuram unir-se ; seria absurdo suppor que dous individuos cujas necessidades ou fins fossem absolutamente diversos, antagonicos procurassem juntos satisfazel-os, preenchel-os : assim também nacionalidades que tenham sentires diversos não poderão nunca querer viver vida commum. O medo que têm os paizes pequenos ou fracos de serem absorvidos pelos grandes é incontestavelmente um incentivo para as fusões de estados ; mas se os grandes se fraccionarem subsistirá ainda este receio ? Certamente não, e poderá então cada um destes pequenos paizes cuidar de sua personalidade, de seu alevanta-

mento moral, de sua liberdade. Roma e Grecia foram as grandes potencias da antiguidade ; fraccionaram-se em pequenos estados, articulam Bilhar e Costa, pela falta das «condições objectivas e subjectivas de que necessita um estado para constituir-se Nação», — fraccionaram-se diz a sciencia, não porque estas condições faltassem ao estado para constituir-se nação, mas ás diversas nações que os formavam para poderem formar estados duraveis.

A unificação da Italia e da Allemanha tambem não aproveitam a Bilhar e Costa. A Italia tem os mesmos sentires ao norte como ao sul ; era uma nação antes que fosse estado que é hoje.

A Allemanha é um 'aggregado de estados que aceitaram a hegemonia externa da Russia, antes que um estado ; internamente a Allemanha compõe-se de reinos, grão-ducados, ducados, principados, republicas (Hamburgo, Bremen e Lubeck), que são soberanos quanto aos negocios particulares de cada um. Os cantões suissos estão nas mesmas condições ; estados diversos quanto aos interesses particulares, *uno* quanto aos geraes. A annexação da Saboya à França e o desmembramento e annexação da Polonia á Russia, Allemanha e Austria não aproveitam igualmente a Bilhar e Costa ; foram violencias e não naturalidades. Feitas as observações que tinha a fazer á primeira parte do artigo dos estimaveis collegas que diversas vezes citei, faço ponto. Nada teinho que ver com as outras duas partes, as quaes abordam particularmente a questão da seisão brazileira.

Recife, Julho de 1898.

JOAQUIM AMAZONAS.



DÊSEJO

*Contornos doces, doces e suaves,
Na correccão de antigas creaturas
Feitas no marmore, docemente graves
Aos vislumbres de santas formosuras!*

*Sonoramente, cheios de ternuras,
Como a voz que se perde pelos mares
São teus olhos— abrigo das venturas,
Dessas venturas doces e suaves!*

*Alma do céo, constellarmente santa,
Estrella vesperal de minha vida,
Onde o genio do amor soluça e canta:*

*Arranca-me do peito os Pesadelos...
E deixa-me dormir, sonhar querida,
Nas moutas aromaes de teus cabellos!...*

1898.

SEBASTIÃO FERNANDES.



História do mez

Ao comemorar-se a criação das escolas jurídicas

Themistocles, quando presentearam-no com uma mnemonica, disse que preferia a arte de esquecer.
E' o que não aceita absolutamente a humanidade

de hoje, vendo despedaçarem-se-lhe as fibras emocionaes, uma á uma, pela positividade que empolga tudo.

O espirito humano nunca foi tão penetrado pelo passado, como nos tempos hodiernos em que comprazem-nos tanto a genese das coisas ; essa contemplação das sociedades de outr'ora e dos factos : seja Roma resplandecente nessa noção grandiosa do Direito em que o genio latino despendeu o melhor de sua seiva ; seja a Hellade fazendo vibrar na eterna harmonia da linha, o marmore ; seja a idade medieval mergulhando no infinito pela flecha das suas cathedraes gothiccas ; sejam ainda essas magnificencias humanas que se traduzem ou por uma alleluia do coração, como a Renascença, ou por uma explosão da alma, como a Revolução.

Parece que na vida passada ha algo para a nossa Grande Ancia.

E no meio desse tumultuar da Duvida inexoravel, consola-nos que tudo não esvae-se.

Sentindo pelo passado essa predilecção forte que caracteriza de algum modo a nossa epoca, fazemos quasi sempre como cada anno os perigrinos budhistas que iam por devoção visitar alguma *stupa* «para renovar a alma ao contacto dos seus deuses».

Sejam de factos, sejam de homens, faz bem essa recordação em que elles transparecem, como atravez de uma excelsitude de sonho.

«Il faut admirer ce que nous avons et ce que nous manque ; il faut faire autrement que nos ancetres et louer ce que nos ancetres ont fait» diz Taine.

SORIANO D'ALBUQUERQUE.



O DELICTO POLITICO

O delicto politico era antigamente, julgado de um modo muito differente do de hoje.

Quando o direito penal era uma disciplina baseada nas leis immutaveis, quando se estudava o crime como uma entidade juridica independente e isolada, sem se attender ás qualidades do agente, condemnava-se o criminoso politico conforme se julgava necessario para a conservação social e segurança do Estado. E é digno de nota que o proprio conceito da responsabilidade criminal, tão alardeado e requerido, naquelle tempo, fosse abandonado para se ver sempre no revolucionario, no agitador, um delinquente temivel, contra o qual os governos deviam se proteger por todos os meios de que podiam dispor. E, assim, a extradicação e a pena de morte eram constantemente applicadas como repressão ao crime politico. Pouco se attendia ás suas causas, e ás intenções, muitas vezes, justas do criminoso. Antes de tudo collocava-se o interesse de um governo ou de um partido que fazia desapparecer um inimigo.

Actualmente o crime politico é encarado por um outro lado, incontestavelmente mais racional e sympathico. Os progressos de nossa civilisação e os da sciencia criminal, auxiliada por todas demais sciencias sociaes, nos mostraram que ha differença notavel entre as duas classes de delinquentes, isto é, os delinquentes politicos e os delinquentes communs, e que é justo não nivelar o que foi movido por um nobre sentimento com o que satisfez um instincto de ferocidade. A extradicação já não tem razão senão quando se trata de crimes communs.

Garofalo, considerando delictuosos os actos que conteem um elemento de *crueldade* ou de *improbidade*, porque são elles que offendem estes dous sentimentos

sobre que essencialmente se funda a moralidade de um povo moderno, pensa que o crime politico não é um crime natural, porque se analysarmos a especial moralidade que elle contem, veremos que esta não consist-n'uma falta de patriotismo, porque pode acontecer e acontece sempre que, aparte as differenças de comprehensão, este sentimento não é nos delinquentes politicos menos forte que nos outros cidadãos.

E ninguem contestará que as intenções dos revolucionarios são, na maior parte, as mais patrioticas, e talvez fossem mais felizes as sociedades se muitas revoluções tivessem sido victoriosas.

Quando a opposição pacifica da imprensa e do parlamento é improficua para chamar um governo que se degenera em despotismo, ao respeito das liberdades individuaes e as leis mais sagradas do paiz, não será legitima e mesmo necessaria uma toda e qualquer revolta popular? E aquelle ou aquelles que tomaram sobre os seus hombros tamanha responsabilidade, dispostos ao sacrificio dos mais caros interesses, devem ser considerados, no caso de mau exito, como criminosos vulgares e temiveis? Pensamos que não.

E vemos, quasi sempre, o criminoso politico merecer a sympathia da opinião publica, e, algumas vezes, até, alvo do favor dos proprios adversarios.

O illustre criminalista G. Tarde diz muito bem: se os criminosos por paixão são dignos de uma indulgencia particular, isto tem razão de ser ainda mais, em relação àquelles que uma paixão, não como a do amor ou do ciúme, porém patriótica e humanitaria, inspirou.

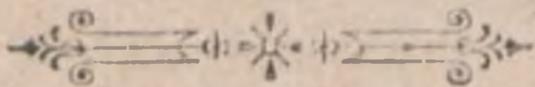
E, entretanto, necessario estudar bem os actos delictuosos e procurar distinguir o criminoso *temivel* contra o qual a sociedade deve prévenir-se, do verdadeiro criminoso politico.

Frequentemente entre os delictos politicos appare

tem alguns que o são também socialmente, como o attentado contra a vida do Chefe do Estado ou de um funcionario publico, as explosões, etc. E, diz Garofalo, o intento politico não impede que nestes momentos, o sentimento de humanidade seja violado, pelo que, não cremos que devem classificar-se aparte, delictos desta natureza.

O Estado deve procurar a sua conservação, e evitar as sedições com sabias medidas administrativas e economicas, bem como, reprimir as revoltas; e no julgamento desse crime procurar, sobretudo, como já dissemos acima, distinguir o delinquente verdadeiramente influenciado por causas politicas, do especulador, delinquente temivel, cuja revolta não é mais do que um pretexto para lançar a perturbação na ordem publica, para dar largo desafogo aos seus instinctos de perversidade.

[F. CUNHA JUNIOR.]



Confederação do norte

Ou porque os crimes só possam ser consummados nas trevas, ou porque pretendam aristocratisar a instrução, o certo é que a infancia, aquelles de cuja capacidade dependerá o Brazil futuro, debate-se no pelago immenso de seu anniquilamento moral e amanhã, ignorante e viciada, irá augmentar o numero d'aquella populaça vil e insubordinada, vagabunda e criminosa, que é a vergonha de todas as nações cultas; o certo é que o estudo secundario, excessivamente limitado, só torna-se possivel áquelles que, dilectos da fortuna, dispõem de immensos recursos pecuniarios e traz como

consequencia logica, fatal e inevitavel, a extincção do estudo superior, ao qual nega-se a liberdade, pondo-se em duvida a aptidão da pleiade mais brilhante do paiz.

A culpa, a responsabilidade, deste crime deve unica e exclusivamente recahir sobre o Sul, que tendo maior população mais directamente contribue no governo nacional e na *deificação* d'este ou daquelle individuo (e esta escolha só attingirá, como dissemos, um dos seus commensaes), o qual, por agradecimento, ou por espirito de bairrismo, não deixará de marchar pelo caminho já tantas vezes percorrido, isto é, de servir-se de todos os pretextos para beneficiar-o.

D'ahi os nossos prejuizos, o nosso atraso, o seu lucro, o seu adiantamento.

Attendendo á extensão territorial do Brazil, não nos pode ser indifferente a posição geographica de sua capital.

O Rio de Janeiro cujos elementos excessivamente heterogeneos fazem com que nossos irmãos percã: m aquella inflexibilidade de character inherente aos bons patriotas, recebe, por esse titulo, o que temos de mais selecto, recebe todas as nossas summidades em letras e artes, ou incumbidas de uma missão politica, ou em procura de mais vasto campo de acção.

Si, entretanto, a Capital Federal fosse em qualquer dos Estados do norte, este não poderia deixar de auferir serias vantagens, não só porque a convivencia entre governantes e governados é da maxima importancia, como tambem porque nossas necessidades sendo mais conhecidas d'aquelles de cujos *caprichos* dependesse a direcção do paiz, seriam mais promptamente attendidas.

Si bem que o Norte, já pela exuberancia de seu sólo, já por sua fecundidade em genios, esteja no caso de poder realisar o sonho d'aquelle povo que julgava

habitar *uma porção do Céo cahida sobre a terra*, não pôde dispensar a presença desses homens, cujos conhecimentos, desenvolvendo-se em nosso meio, alargariam mais o nosso horisonte scientifico, ideal sublime em demanda do qual vagueia perennemente a ardente imaginação nortista.

*
**

Sempre crescente, a ambição do Sul não satisfaz-se com o roubar-nos objectos de ordem material.

Não, as verbas orçamentarias votadas pela *União* e que são destinadas ao beneficio de sua industria e do seu commercio, de suas letras e de suas artes, são impotentes ante a auricidia tantalica que o abrasa.

As calamidades, a prepotencia abominavel de que alguns estados estrangeiros têm usado para conosco, o estado de descredito a que chegamos, nada, absolutamente nada, fal-o comprehender que tem sido muito esperto em lançar mão das redeas governamentais, muito ingenuo em confiar na sua propria capacidade, muito parvo em não partilhar irmãmente lucros ou perdas, beneficios ou damnos, desgraças ou prosperidades, que acaso se atravessassem no caminho de sua vida politica e social.

Mesmo a responsabilidade que advem-lhe, devido á má direcção que tem dado ao Brazil, a cujas infelicidades não é extranho por causa da parte activa que tem tomado em seu governo, não fal-o abandonar um posto a que não tem direito.

Sim, não tem direito !

Nada, absolutamente nada, fal-o parar no caminho das concussões.

Mesmo as glórias do Norte, preciosissimo legado dos nossos avós, elle pretende roubar.

Esquece-se de que além da Historia, q' todos podem escrever, adulterando os factos, contando-os a seu bel

prazer, ha o archivo, a tradição, ou uma carta, para elucidar a verdade, para esmagar a mentira, fazendo-a recolher-se ás trevas d'onde tinha sahido.

E' assim que o 21 de Abril é consagrado á commemoração dos precursôres de nossa independencia, porque Tiradentes morreu nesse dia.

Tamanha monstruosidade revolta o espirito de quem quer que conheça a nossa Historia veridica, porque Tiradentes morreu como beato, como religioso, descendo em seu fanatismo a beijar os pés e as mãos do carrasco muito humildemente. enquanto seus companheiros de *martyrio*, chorando de alegria, proclamavam a *misericordia justiceira* da rainha de Portugal, D. Maria I. !!!

Que a Igreja o canonise, concordamos, mas que o Brazil reconheça nelle um apóstolo, um martyr de sua independencia, um patriota que tenha, em nome da liberdade erguido a bandeira da nossa redempção, morto, como morrem os benemeritos da patria, com a alegria no coração e nos labios palavras de consolo, palavras animadoras repassadas de sincera abnegação, incitando os seus irmãos a imitarem-n'o. não, absolutamente não !

Além d'isso o valor de Tiradentes perante o nosso Martyrologio se eclipsa, si attendermos que, Tiradentes, dotado de uma imaginação romanesca e leviana, viveu em um tempo em que os norte-americanos combatiam pela independencia e os Francezes pregavam a sua soberania pela bocca do canhão.

Essas causas produziram seus fructos e Tiradentes representou, sem mais, nem menos, o papel de bóde expiatorio n'aquelle «sonho de poeta»

Até mesmo no romance os Sulistas procuram impingir tão desprezivel mentira, cantar o valor civico da *Conspiração Mineira*.

E a desfaçatez augmenta e a concussão progride...

Uma revolução, dizem, será a consequencia da separação do Norte.

Em primeiro lugar não ha motivo para essa guerra, porque, ou o Sul, nada lucrando com a união do Norte, deixará que elle se constitua separadamente, ou nos explora e n'esse caso cumpre-nos defender a area que encerra a felicidade do nosso povo.

Além d'isso nada temos a temer, não só porque o nosso passado é garantia do presente, como porque conhecemos que as revoluções são anneis da cadeia do progresso.

*
* *

Si mentalidades robustas e generosas tem-se, em nome do direito, da razão e da justiça, constituído paladinos de uma nova crusada, cujo fim é redimir a Armenia, a Irlanda, Cuba e Creta e outros pequenos paizes, perdidos no seio das florestas, ou espalhados na immensidade dos mares, porque razão não erguer-se uma voz para protestar contra a tutela que nos assombra, porque razão não pregar-se a autonomia do Norte?

Que importa que fallemos o mesmo idioma, que sejamos galhos de uma mesma arvore genealogica?

Si a humanidade attendesse a razões d'essa ordem, ainda a America Hespanhola conservar-se-ia fiel á Metropole, ainda os Estados Unidos seriam possessão das Ilhas Britannicas, ainda estaríamos sob o jugo de Portugal, jugo não menos execravel que o do Sul do Brasil.

Que importa, quando somos oprimidos, quando somos nullidade na vida publica do Estado?

E somos nullidade porque somos pobres, porque somos poucos em relação ao Sul, que recebe ininterruptamente e ás custas da União elementos novos, que veem aperfeiçoar, desenvolver-lhe a industria, dar vida ao commercio?

Porque submettermo-nos ao Sul, quando temos

vida propria, uberrimo solo a cultivar. h mens aptos para o nosso governo?

Porque conservarmo-nos unidos, quando essa união nos é prejudicial, nos cava a ruina?

Da mesma forma que as virgens sacerdotisas das druidas, cahindo sob o cutello do algoz, misturando seu sangue com o sangue da victima, offerecida em holocausto ás suas divindades, espraíavam a vista pelos bosques sagrados, como que alegres por não verem seus mysterios desvendados, da mesma forma que Spartaco, cahindo aos golpes das lanças romanas, elevava uma prece de mystico contentamento aos deuses, por lhe terem permittido morrer defendendo a sua liberdade e a de seus irmãos,— nós cahindo no meio dos cardos do caminho que ora encetamos, procuraremos no exemplo que nos legou Bernardo Vieira, forças para traduzir em realidade o que elle pretendeu fazer e que custou-lhe a vida.

E anima-nos a esperança de ver, em tempo talvez não remoto, o norte livre, independente e redimido, redimido, independente e livre, como quando o Caboclo, esse symbolo magestoso da altivez, percorrendo os nossos campos, affrontava, risonho, a investida perfida da onça.

Então mais um Estado democrata, tendo por muralhas defensivas, amor do povo e offensivas, a Razão e o Direito, darà novo lustre á humanidade, maior fulgor ao valor Norte-Brasileiro.

LUIZ CORREA.



ECHIOS

Quasi que seria desnecessario a "Escola de Direito" escrever as considerações que seguem a proposito da questão que por dias inteiros agitou o espirito publico, entre o "Estado de Pernambuco" e o brioso corpo discente da Academia, de que somos or-

3 no. 191

gã), que levou aquelle à; pare les gelidas do túmulo, onde dorme entregue a voragem dos vermes.

Riu-se Voltaire pelos nossos labios para ridiculo do "Estado"...

Mas diziamos desnecessaria a nossa palavra sobre o incidente porque tendo a mocidade agido, como agio à altura de sua altivez e dentro das raias de sua educação, "ipso facto" o seu proceder importava o nosso, por isso que nós somos a mocidade.

A' inexcelsivel correcção do illustre Director da nossa Faculdade, à prudencia da autoridade primeira deste Estado e do sr. dr. Qwestor, e a's boas intenções de alguns auxiliares seus devemos o desenlace honroso para nós, deprimente para os nossos infelizes detractores, que teve o incidente provocado pela descortezia destes nas columnas do "Extincto".

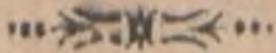
Fizemos -- obra prophylatica, o enterro do misero, entoamos sobre o seu esquife o "De profundis", a que tinha direito, e só não resamos, no setimo dia do prematuro passamento, as missas adrede annunciadas, encommendando-lhe a alma... ao diabo, a instancias gentis daquellas autoridades.

Com o "ita missa est" do nosso improvisado officiante devia varrer-se-nos para todo sempre da memoria a imagem do "de cuius".

Não se fez a missa projectada: se disse até que o "extincto" não tinha alma.

Bia dose de "Vermouth", e bom appetite, insaciais vermes!

Abraçamos com a affectuosa camaradagem, que aqui lhe tributamos, o nosso talentoso companheiro de redeão e querido amigo Pedro Cirne, ao mesmo tempo saudando a sua exma. familia, pela data de 1 de Agosto.



Impressos e Impressões

Agradecemos, justamente penhorados, a visita de diversos criteriosos confrades.

OS MORTOS

A "Escola de Direito", dolorosamente ferida, registra o fallecimento de Maciel Seabra, o collega dedicado, levando-lhe ao túmulo, entre o eco do nosso pranto, os goivos da saudade.